



As memórias de D. Leonor López de Córdoba (1362/63-1430): uma poética do não esquecimento

Las memorias de D. Leonor López de Cordoba (1362/63-1430): uma poética del no olvidamiento

D. Eleanor Lopez of Cordova's (1362/63-1430) Memoires: A poetic of non-oblivion

Marcella LOPES GUIMARÃES¹

Resumo: As memórias da dama castelhana Leonor Lopez de Córdoba são um documento único por três razões que isoladas já garantiriam a sua excepcionalidade, mas que combinadas operam esse sentido do único: a autoria feminina no contexto, o texto autobiográfico e a defesa da facção legítima derrotada pela ascensão trastamarista. Leonor Lopez de Córdoba é filha de Martim Lopez de Córdoba, mestre das ordens de Alcântara e Calatrava, e rara sobrevivente da perseguição sofrida por sua família, depois da morte do pai. Com o casamento de Henrique III e Catarina de Lencastre, alcança notável proeminência, que, entretanto, é novamente solapada pelas intrincadas relações régio-nobiliárquicas do período da regência de Juan II.

Abstract: The memoirs of a Castilian lady Eleanor Lopez of Cordova consist on an unique document for three reasons: the female authorship within the context she was in, the autobiographic text and the support for the rightful faction defeated by the ascension of the Trastamara. Eleanor Lopez of Cordova is the daughter of Martin Lopez of Cordova, who was the Master of the Alcantara and Calatrava orders, and a rare survivor of the persecution that her family went through after her father's death. With the marriage of Henry III and Catherine of Lancaster, she achieved a noteworthy prominence, which however, was once again dissembled by the complex royal and noble relations during the period of John II's reing.

Palabras-chave: Memórias – Trastâmara – Pedro I de Castela – Leonor López de Córdoba.

¹ Professora Associada de História Medieval da UFPR. Pesquisadora do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos: <http://nemed.he.com.br>), membro da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) e da SHMESP (Société des Historiens Médiévistes de l'Enseignement Supérieur Public). E-mail: marcella974@gmail.com.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Keywords: Memoires – Trastamara – Peter of Castile – Eleanor Lopez of Cordova.

RECEBIDO: 18.08.2015

ACEITO: 10.09.2015

Sobre esquecer e lembrar

Pesquisas na área da memória, posteriores aos anos 60, ressaltaram o caráter positivo do esquecimento. Afinal, não é possível lembrar de todas as coisas e, quando esquecemos, estamos prontos para abrir espaço à oportunidade de lembrar, uma oportunidade seletiva. É fato que esquecemos mais que lembramos e que a lembrança mais dolorida ou prazerosa é insulada por diversos fatos reprimidos ou extintos dentro de nós.²

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento de passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida – com a permissão do cérebro.³

Ainda que esquecer abra espaço para guardar seletivamente, Ricoeur não é condescendente com o esquecimento, constrói uma verdadeira apologia da memória.

A Literatura já acautelou os leitores sobre os perigos do acúmulo de coisas e memórias, para citar a obra de Ítalo Calvino e Jorge Luis Borges. Se as coisas que não nos servem mais se acumulassem ao nosso redor, o futuro estaria ameaçado pelos restos do passado, é o enigma de Leônia das *Cidades Invisíveis*: “quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar; renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente

² IZQUIERDO, Iván, BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. “A arte de esquecer”. In: Estudos Avançados, vol. 20, número 58. Internet, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300024.

Os pesquisadores conceituam a *extinção* como “desvinculação de um estímulo condicionado do estímulo incondicionado com o qual tinha se associado e gerado uma resposta aprendida” e *repressão*, a partir do pensamento de Freud, como repressão voluntária ou inconsciente: “Na primeira, propomo-nos a cancelar a evocação de memórias que nos causam desagrado, mal-estar ou prejuízo(...). Na segunda, o cérebro faz isso por conta própria, para o qual evidentemente tem uma tendência autoprotetora.”

³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007, p. 427.

em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros”.⁴ E se fôssemos condenados a acumular memórias, sem jamais poder esquecer? Esse é o fardo de Irineu Funes, personagem de Borges em suas *Ficções*. Assombrado com a amplitude da memória de Funes, o narrador observa: “Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos”.⁵

No campo da História, vivemos premidos entre as pressões da lembrança, a reivindicação de saber e o reconhecimento fatal do esquecimento, produto da repressão, da extinção, da destruição e do esquecimento real⁶ em escala individual e coletiva. Ora, se não é possível lutar contra o esquecimento necessário à memória e à vida afinal, é possível estudar os mecanismos de negação da lembrança, quando em seu bojo encontram-se projetos políticos, e colaborar com a memória, pela prática de reclamar a sua funcionalidade.

Assim, propomo-nos ao estudo da breve autobiografia da dama castelhana Leonor López de Córdoba, ou Leonor López de Hinestrosa⁷, como manifesto pelo não esquecimento, um “pronunciamento do discurso”⁸, a partir da sugestão de Heidegger.

O contexto do esquecimento

O romancero do rei Pedro de Castela (1350-1369) é um dos mais ricos conservados pela tradição⁹; ele só teve o prestígio abalado no período subsequente à derrota do rei

⁴ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Biblioteca Folha, p. 49.

⁵ BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Editora Globo, p. 57. *Internet*, <http://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/02/borges-ficc3a7c3b5es.pdf>.

⁶ Segundo Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota, *op. cit.*, no esquecimento real, as “memórias efetivamente se perdem”.

⁷ As memórias de D. Leonor López de Córdoba que fundamentam este artigo foram consultadas do Apêndice de Tese de Doutorado de Juan Félix Bellido Bello intitulada *La primera autoiografía femenina em Castellano. Las memorias de Leonor López de Córdoba*, defendida em Sevilla (Universidad de Sevilla. Facultad de Filología), 2006. O texto transcrito pelo autor segue o manuscrito da Biblioteca Colombiana. Todas as citações do documento provêm desta Tese. A referida tese foi fundamental para o debate da escrita das memórias e para os dados de contexto reunidos aqui.

⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte 1 (trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis (RJ): Vozes; Universidade São Francisco, 2005. p. 219. *Internet*, <http://www.olimon.org/uan/heidegger-ser-e-tempo-i.pdf>.

em Montiel, em 1369. Isso é compreensível, afinal tratava-se de promover a *damnatio memoriae* do rei legítimo assassinato e silenciar, ou fazer esquecer suas ações governativas, em consonância com as iniciadas pelo pai Afonso XI, como demonstra a publicação de leis no *Fuero Viejo*, dentre outras, resgatadas pelos reis católicos décadas depois. Já no começo do reinado, nas cortes de Valladolid, Pedro mostraria um desejo centralizador, manifesto nas suas respostas às petições de vilas e cidades; na sua iniciativa de reorganizar o sistema produtivo castelhano, combatido pelos gastos guerreiros de Afonso XI e pela peste, e pela extraordinária pesquisa plasmada no *Becerro de Behetrías*.¹⁰

Mas, na altura do seu assassinato, como se promoveu o esquecimento no seu tão pujante romanceiro? Com a perseguição e desterro de homens e jograis petristas. E quando o romanceiro trastamarista conheceria refluxo? A partir das negociações e efetivação do casamento do futuro Henrique III, neto de Henrique Trastâmara, e Catarina de Lencastre, neta de Pedro de Castela¹¹, dois eventos-chave para a vida de Leonor López de Córdoba.

A infância de Leonor Lopez de Córdoba se desenrolou no contexto da ascensão da dinastia trastamarista. Nasceu em Saragoça, viveu no meio das infantas filhas de Pedro de Castela e Maria de Padilha (elas foram suas madrinhas) entre Segóvia e Carmona, até o assassinato do rei. Leonor tinha 6 ou 7 anos quando isso sucedeu. Era filha de Martim López de Córdoba homem de confiança de Pedro de Castela, que lhe guardou a fidelidade mesmo após a morte. O cavaleiro obteve inúmeros benefícios dessa privança e por causa dela foi também sacrificado.

Martim López atuou de forma diplomática em Inglaterra, onde articulou as alianças matrimoniais, que incluíram o Duque de Lencastre entre os reclamadores do trono castelhano. Atuaria em Portugal, a fim de obter ajuda contra os avanços do Trastâmara. O cronista português Fernão Lopes refere o envio da infanta Beatriz de Castela para Portugal, sob a proteção de Martim López, para casar-se com o ainda infante D. Fernando¹², enlace que, entretanto, não aconteceu. Sua atuação, portanto,

⁹ RAMÍREZ, Pedro Piñero. “Los romances del rey Don Pedro”. In: JIMÉNEZ, Manuel González, FERNÁNDEZ Manuel García (ed.). *Pedro I y Sevilla*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla. Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla (ICAS), 2006, p. 45.

¹⁰ MARTÍN, Luis Vicente Díaz. *Pedro I el Cruel (1350-1369)*. Gijón: Ed. Trea, 2007, p. 65-72.

¹¹ RAMÍREZ, Pedro Piñero, *op. cit.*, p. 47.

¹² LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro*. Porto: Livraria Civilização, s/d, capítulo XXXVII.

está documentada em crônicas oficiais. Martim López conheceria o ódio de Pedro de Castela também como alvo, mas conseguiu sobreviver e recobrar os favores régios.

Martim López foi o guardião dos filhos do rei Pedro, daí a proximidade de Leonor dos infantes. Resistiu 2 anos em Carmona com eles e sua família, firme na convicção da legitimidade desses. Quando pactou com o Trastâmara, obteve garantias para a vida dos seus, dos infantes e da sua própria, mas esta em particular não foi respeitada, sendo sentenciado como *traidor* pelo novo rei e morto em 13 de junho de 1371. O cronista castelhano Pero Lopez de Ayala, vassalo desta casa e tão seu beneficiário, refere entre as muitas vilanias de Martim López o fato de ter assassinato homens fieis ao Trastâmara no cerco a Carmona, quando já os teria presos:

E Martin Lopez de Cordoua, maestre que se dizia de Calatraua, desque lle go fallolos presos, e todos los que subieron por el escada fizolos todos matar, por lo qual el rrey don Enrrique ouo grand saña e grand sentimiento dello, por quanto el dicho Martin Lopez fiziera matar a aquellos omnes teniendolos presos en su poder.¹³

E desque todo esto fue assi hordenado e ouo entregado e conplido el dicho Martin Lopez todo lo que prometiera al rrey, el rrey mandolo prender e desque fue tomado preso leuaronlo a Seuilla. E por quanto el rrey lo auia setenciado, otrossi por la saña que auia del, especial mente por la muerte que fiziera en aquellos omnes de armas sus criados del rrey, que auian subido por el escala en Carmona, fizolos matar en Seuilla a el e a Matheus Ferrandez de Caçeres...¹⁴

Uma das cidades que mais sofreu com as ações orquestradas para a perda das lembranças foi justamente Carmona. Manuel González Jiménez evoca a destruição de documentos ordenada por Henrique Trastâmara ou por ele realizada pessoalmente, incluindo privilégios outorgados por Afonso X. Segundo Jiménez:

La mutilación de un diploma tan importante como el privilegio de Alfonso X aprobando la delimitación del término de la villa es un caso espectacular. Se trata a todas luces de un corte intencionado hecho con tijera o cuchillo, realizado por alguien que gozaba de la misma autoridad que el monarca que lo otorgó. Es decir, el privilegio sólo pudo ser mutilado y destruído por la mano del próprio Enrique II en un acto cargado de simbolismo por el cual el nuevo rey privaba a Carmona, con la destrucción de un título de propiedad, del término que había recibido en 1255 de manos del repoblador de la villa, el rey Alfonso X el Sabio.¹⁵

¹³ AYALA, Pero Lopez. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso onceno*. SECRIT/INCIPIIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volume 2), cap. I, p. 316.

¹⁴ *Idem*, cap. II, p. 317.

¹⁵ JIMÉNEZ, Manuel González. *Carmona medieval*. Sevilha: Fundación José Manuel Lara, 2006, p. 48.

Nem Ayala pôde negar que Martin López fora fiel ao senhor a quem o mesmo Ayala virara as costas; não pôde negar que Henrique não cumprira o prometido e declarou que houve oposição ao gesto do rei. Por isso, encontra um motivo para o destempero do Trastâmara, ou seja, a quebra do costume de guardar a vida daqueles que já estivessem submetidos. Leonor López de Córdoba narra o mesmo evento em suas memórias e deixa claro que Carmona não poderia ser tomada por armas, daí o descontentamento do rei Henrique e seu gesto de recorrer a diversos expedientes para abreviar o cerco.

A cidade, porém, não tinha condições de se sustentar e Martim López é premido a pactar com o monarca. Quando a família do petrista foi se entregar ao rei e beijar-lhe a mão, ele mandou prender a todos. A oposição do Condestável é referida por Leonor que ressalta que este se partiu da corte para não voltar. Ayala não se refere a e gesto desmedido. Os narradores também discordam a respeito da maneira como o Mestre de Calatrava foi morto: nas memórias de Leonor, ele foi decapitado; na versão abreviada da crônica de Ayala, há referência às “malas muertes en vn corral a espadas e lançadas”.¹⁶

La mas desventurada desamparada

Leonor López de Córdoba fora casada na infância pelo seu pai com Rui Gutierrez de Hinestrosa e os dois, suas irmãs e irmãos, mais alguns cavaleiros fieis a Martim López, foram encarcerados por cerca de 9 anos, depois da morte do Mestre de Calatrava e Alcântara. Leonor tinha em torno de 9 e só ela e o marido sobrevivem das Atarazanas de Sevilha. A morte do rei Henrique II trouxe em seu bojo a libertação dos dois. Tinha ela em torno de 17 anos.

O texto de suas memórias é marcado pela experiência da morte: morte do rei Pedro, do seu pai, dos irmãos e irmãs por razões políticas, e do filho e outros membros da família, por causa da peste. As duas primeiras definem a mudança de sorte da sua linhagem. Leonor é a única sobrevivente entre os filhos de seu pai; seu marido é um filho único por sua vez. Dotado de haveres, entretanto, estes se perdem com a desgraça de Martim López. Quando deixa o cárcere, Leonor é recolhida em casa de uma tia, Maria Garcia Carrillo, enquanto o marido empreende uma expedição (que dura 7 anos) pela recuperação dos seus bens e da sua honra, que redundam em completo fracasso.

¹⁶ AYALA, Pero Lopez. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso oncenno*. SECRIT/INCIPIIT: Buenos Aires, 1994/1997, vol. II, p. 318, 1ª nota de pé de página.

A proteção da tia desperta ciúmes entre as primas e entre os criados. Um dos acontecimentos evocados nas memórias é o pedido à tia para que abra um postigo entre o segmento em que ela e o marido habitavam e o espaço destinado às refeições de toda a família. Esse gesto evitaria que o casal tivesse de sair à rua para entrar novamente na casa da tia para se alimentar. Em uma sociedade para a qual a reputação é um valor dos que mais merecem ser preservados, o postigo protegeria Leonor e Rui Gutierrez do olhar maledicente dos vizinhos para a desgraça do casal... A tia é convencida a mandar abrir o postigo, mas tem seu coração demovido por uma criada, que Leonor mata com suas próprias mãos. O assassinio está narrado nas memórias.

O isolamento do casal, a proteção ameaçada pela inveja, o fracasso da expedição de Rui Gutierrez, a perda dos bens familiares e a consolidação da dinastia trastamarista colaboram para o apagamento da linhagem de Martim López. Mas as memórias devem ser entendidas como discurso, afinal: “todo discurso sobre alguma coisa comunica através daquilo sobre o que discorre e sempre possui o caráter de pronunciamento. No discurso, a pre-sença se pronuncia”¹⁷. Leonor manda ditar suas memórias, pronuncia-se e o que pronuncia como discurso e presença contribuem para o renascimento do seu ser no mundo.

Leonor tem uma visão inspirada pela Virgem, afinal era sábado, de que haveria de reconstituir sua casa. No texto, essa casa é material, outorgada pela tia, mas com a intermediação da mãe de Jesus. No quadro mental daquela sociedade, a outorga do benefício deveria incluir um serviço e, como o primeiro lhe fora concedido via interferência divina, Leonor se encarrega de criar um órfão judeu na fé cristã. Mas o texto não reporta felicidade e esse mesmo órfão levaria a peste à sua família, acarretando a morte do próprio filho de Leonor. A historiografia tem reputado a narração de Leonor.

A adoção desse órfão, por exemplo, está ligada ao assalto da *juderia* de Carmona, em 1391, como rescaldo ainda das lutas entre os irmãos rivais Pedro e Henrique. Manuel González Jiménez observa que o Trastâmara “había hecho del anti-judaísmo popular una de sus armas de propaganda más eficaces”¹⁸. Henrique III haveria de castigar os responsáveis por esses ataques.¹⁹

¹⁷ HEIDEGGER, Martin, *op. cit.*, p. 221.

¹⁸ JIMÉNEZ, Manuel González, *op. cit.*, p. 58.

¹⁹ *Idem*, p. 59.

A família de Leonor deixou Córdoba para fugir da epidemia de peste (documentada na cidade em 1396), seria bem recebida por aqueles que ainda tinham memória e dívidas com Martim López, mas ao deixar a vila que a recebera calorosamente, carregando nas costas a morte do próprio filho, “las jentes salian dando alaridos, amancillados de mi, y decian: Salid Señores, y vereis la mas desventurada desamparada, e mas Maldita muger del mundo”.²⁰

As memórias se encerram com o retorno a Córdoba, onde Leonor haveria de reconstituir algum patrimônio, a casa prometida pela Virgem. Depois do fim abrupto do texto, sabemos de Leonor pela *Crônica de D. Juan II*. Logo no segundo capítulo da crônica, vemos Leonor integrada no círculo da rainha Catarina de Lencastre. Esta Catarina, neta de Pedro de Castela, chega ao reino castelhano em 1386 e casa-se com o primo, futuro Henrique III, em 1388. Juan Félix Bello propõe a inclusão de Leonor López de Córdoba no círculo régio já em 1401.²¹

Depois da epidemia de peste de 1396, referida por Leonor, sabemos que o casal real passaria por Córdoba, é quando muito provavelmente toma conhecimento das memórias de Leonor e com isso os petristas são reintronizados na cena política. Leonor torna-se a mais fiel conselheira da rainha Catarina. As cartas não deixam dúvida do grau de proximidade entre as duas. A neta de Pedro de Castela chama Leonor de *mãe*. Esta era pouco mais nova que a Duquesa de Lencastre, sua afilhada, e com ela compartilhava dos mesmos valores políticos.

A escuta é constitutiva do discurso²²

As memórias de Leonor López de Córdoba cobrem acontecimentos, sobretudo, sucedidos ao longo de 25 anos, de 1371 a 1396. Elas mencionam acontecimentos mais antigos, porém a essência se desenrola nesse recorte, o da consolidação da dinastia trastamarista e de esquecimento dos petristas: desterrados, mortos e encarcerados. Essa consolidação e *damnatio memoriae* não foi isenta de crise. Nem Pero Lopez de Ayala pode ignorar o quão difícil foi o reinando do filho de Henrique Trastâmara, D. Juan I, a perda do trono português e a derrota na Batalha de Aljubarrota (1385) seriam eventos contundentes. Também não seriam os únicos, afinal, um dos gestos de maior

²⁰ CÓRDOBA, Leonor López APUD BELLO, Juan Félix Bellido. *La primera autoiografía femenina em Castellano. Las memorias de Leonor López de Córdoba*, defendida em Sevilla (Universidad de Sevilla. Facultad de Filología), 2006, p. 392.

²¹ BELLO, Juan Félix Bellido, *op. cit.*, p. 269, nota 713.

²² HEIDEGGER, *op. cit.*, p. 222.

impacto político orquestrados com a colaboração de Martim López foi justamente a aproximação do rei Pedro de Castela com o reino da Inglaterra. Essa aproximação estabelecida a partir do casamento de D. Constança com o Duque de Lencastre, João de Gaunt, e de D. Isabel com o Conde de Cambridge, ambos filhos do rei Eduardo III, vem aquecida com a imprevista adesão de Portugal, que também “ganha” uma rainha da Casa de Lencastre.

Enquanto Leonor López de Córdoba se ocupa em sobreviver, o contexto político colaborava para sua saída da obscuridade. Enquanto sofre as agruras da inveja e da humilhação, ela não podia ignorar a possibilidade que se entrevia no retorno de D. Constança, sua companheira de infância e brincadeiras, a Castela. As suas memórias certamente ditadas nesse contexto são um gesto calculado, que de uma só vez traz a recordação da fidelidade da família de Martim López – suas palavras em discurso direto, em direção à morte contra Bertran du Glesclin, jamais referidas por Ayala, são prova da obrigação do vassalo leal: “Mas vale morir como leal, como yo lo hé echo, que no vivir como vos vivis, havendo sido Traydor”²³, e lembra à jovem futura rainha suas próprias raízes e quem jamais se lhes esqueceu...

As memórias são tecidas como um misto de documento notarial –“sepan quantos esta Esscriptura vieren”²⁴ e consolatório “por que todas las criaturas que estuvieren en tribulación sean ciertos, que yo espero ensu misericórdia”²⁵, um híbrido de narrativa dos fatos²⁶, que não abre mão da consciência do narrador participante e mediador crítico dos eventos, inclui a intervenção do maravilhoso, a expiação de culpa, uma autobiografia! Esse documento se eleva contra a injustiça e joga todas as fichas na recepção, na escuta. Novamente com Heidegger, “enquanto escuta da voz do amigo [e Leonor pode, quer e será a amiga da jovem futura rainha] que toda presença traz consigo, o escutar constitui até mesmo a abertura primordial e própria da presença para o seu poder ser mais próprio”²⁷. Esse texto tem como alvo a escuta de alguém que precisa também de colaboração para poder ser naquele contexto, a rainha D. Catarina.

²³ CÓRDOBA, Leonor López, *apud* BELLO, Juan Félix Bellido, *op. cit.*, p. 384.

²⁴ *Idem*, p. 380.

²⁵ *Idem*, p. 381.

²⁶ A veracidade dos fatos narrados por Leonor em suas memórias tem sido altamente reconhecida. Vide: <http://www.rtve.es/alicarta/videos/mujeres-en-la-historia/mujeres-historia-leonor-lopez-cordoba/827016>.

²⁷ HEIDEGGER, *op. cit.*, p. 222.



Narrativa da vida, para além das memórias

Um dos documentos que revelam esse vir a ser é a *Crónica de D. Juan II*. No prólogo, sabemos que o monarca protagonista começou a reinar 22 meses depois do seu nascimento, em 1407. Foram tutores e governadores do reino no período de sua menoridade D. Catarina e seu cunhado D. Fernando de Antequera e de Aragão. A *Crónica de D. Juan II* foi realizada por muitas mãos. A primeira parte, que se ocupa do período em que Leonor López esteve no círculo régio e se estende até 1420, foi escrita por Alvaro Garcia de Santa Maria.²⁸ Sabemos que até um sobrinho de Pero Lopez de Ayala trabalharia nesse empreendimento literário. O primeiro cronista escreve sobre Leonor López e D. Catarina: (pág. 278)

Tenia una Dueña natural de Córdoba, llamada Leonor Lopez, hija de Don Martin Lopez, Maestre que fué de Calatrava en tempo del Rey Don Pedro, de la qual fiaba tanto, é la amaba en tal manera, que ninguna cosa hacia sin su consejo. E aunque algo fuese determinado en el Consejo donde estaban la Reyna y el Infante [...] si ella lo contradecia, no se hacia outra cosa de lo que ella queria; de lo qual se siguió mucha turbacion en estos Reynos.²⁹

Durante o reinado de Henrique III, sabemos pouco da atuação da rainha Catarina. O cronista português Fernão Lopes, entretanto, menciona que enquanto o monarca viveu, a rainha “trabalhava muito com ele que ouvese boa paz e amizade com dom Joham Rey de Purtuguall”.³⁰ Depois da morte do rei, até pelo papel delegado por ele a ela, sua atuação não foi tímida. Fernão Lopes continua a nos ser útil para reportar alguns gestos e compila as cartas trocadas entre a rainha de Castela e seu cunhado português, D. João I, para a definição da paz entre os reinos.

Na *Crónica de D. Juan II*, logo no primeiro ano da tutoria, a rainha D. Catarina expressa seu desejo de partir para a guerra contra os mouros ao lado do infante D. Fernando. Seu projeto muito provavelmente tem relação com o desejo de averiguar mais de perto o gasto de quantias que haviam sido solicitadas pelo infante. O conselho do rei, entretanto, age de forma coletiva para demovê-la do projeto, afinal: “convenia que la Reyna estuviesse queda é curase de la crianza del Rey y de las Señoras Infantas sus

²⁸ CARVAJAL, Lorenzo Galindez de. Prefacion en la *Crónica del rey Don Juan el Segundo* in *Crónica del rey Don Juan el Segundo* in *Biblioteca de autores españoles desde la formación Del lenguaje hasta nuestros dias. Crónicas de los reyes de Castilla desde Don Alfonso el Sabio, hasta los católicos Don Fernando y Doña Isabel*. Colección ordenada por Don Cayetano Rosell. Tomo II. Madrid, 1953, p. 18.

²⁹ *Crónica del rey Don Juan el Segundo...*, p. 278.

³⁰ LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*. Porto: Livraria Civilização, s/d., vol. II, p. 412.

hijas”.³¹ A rainha atende ao conselho de ficar em Segóvia com seus filhos. Porém, é o infante D. Fernando até a sua morte, em 1416, a grande presença da crônica dedicada a seu sobrinho, rei de Castela, tanto do ponto de vista dos acontecimentos, quanto da adesão anímica aos seus projetos e realizações. Nesse sentido, todos aqueles que atravessaram o seu caminho, sobretudo no disputado papel de principal conselheiro da rainha Catarina, são detratados. Ora, Leonor é um alvo certo pela privança que alcançou junto à mesma e pela vinculação aos petristas, retirados do ostracismo. A crônica narra criticamente essa proximidade no recorte de 1407 e 1412.

Nesse lapso, há diversos momentos em que sobressai o juízo crítico do narrador a respeito dos maus conselheiros. Mas estes não são os membros do Conselho real, são aqueles que atuam à margem dessa instituição³², caso de Leonor López. O projeto da rainha de partir para a guerra aparece nitidamente identificado pela voz que conduz o texto como inspirado por privados desleais, interessados em promover a discórdia entre a rainha e o infante. No ano seguinte, novamente a condução de Fernando de Antequera é questionada pelo mau conselho que alimenta a rainha. Esse dado é extremamente relevante, sobretudo quando a mesma crônica sutilmente revela a preocupação da rainha com a economia do reino, um dos compromissos de um monarca medieval... Depois da morte do rei de Aragão, a rainha D. Catarina solicita também ela uma pesquisa junto aos letrados de sua corte para averiguar quem teria direito à coroa aragonesa, o que incomoda o infante.

Na narração do ano de 1412, o cronista refere à troca de cartas entre Leonor López e Fernando de Antequera. Afirma que este sabia que D. Leonor era a causa de muitas discórdias entre os cunhados. Leonor já está afastada da corte. Seu gesto de procurar o infante para recuperar o prestígio junto à rainha é descoberto pela mesma que avisa que a mandaria queimar se ela insistisse³³... Depois disso, D. Catarina ainda afastaria todos os indivíduos outrora beneficiados pela privança entre Leonor López e ela dos seus ofícios.

Porém, como Juan Félix Bello ressalta, “su situación no es ahora familiar y patrimonialmente la misma que cuando, por vez primera, llegó a Córdoba liberada de

³¹ *Crónica del rey Don Juan el Segundo...*, p. 288.

³² RÁBADE OBRADÓ, María del Pilar, « Leonor López de Córdoba y Beatriz de Bobadilla: dos consejeras para dos reinas », *e-Spania* [Online], 12 | décembre 2011. *Internet*, <http://e-spania.revues.org/20705>.

³³ *Crónica del rey Don Juan el Segundo...*, p. 344.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

su prisión en Sevilla, ni tan dramática como cuando volvió tras la trágica muerte de su hijo en 1396”.³⁴

Considerações finais para futuros embates

O trabalho com as memórias de Leonor López de Córdoba se beneficia hoje da revalorização da biografia no campo da História e dos estudos de gênero. A tese de doutorado de Juan Félix Bellido Bello, defendida em 2006, relaciona esses aspectos para promover uma leitura que valoriza essa documentação na sua singularidade: “Las Memorias de doña Leonor López de Córdoba, del siglo XV, no fueron sólo la primera obra de una escritora conocida publicada en España, sino ‘la primera autobiografía de esse país’”.³⁵

Bello sustenta que o texto foi varrido da cadeia de transmissão literária pela cultura patriarcal. À sua hipótese, devem ser incluídas as razões políticas que não foram solucionadas com o casamento de D. Catarina e de Henrique III. A *Crónica de D. Juan II* dá pistas disso. O esquecimento de Leonor e de sua família foi o resultado de uma política específica, promovida a partir do assassinato do rei Pedro em Montiel; por outro lado, as memórias de Leonor pronunciaram o seu ser no mundo e lograram sucesso (ainda que temporário) na escuta.

O afastamento da corte e o apagamento subsequente do seu texto da tradição literária revelariam a dificuldade de colaborar com o projeto trastamarista, enfim vitorioso. Esses aspectos precisam de mais investimento, sobretudo, quando os mesmos estudos literários já provaram o renascimento do tema petrista no contexto dos reis católicos. Os filhos que sobreviveram de Leonor López vincularam-se de forma prestigiosa na sociedade da época. Ora, então porque os manuscritos mais antigos dessas memórias são do século XVIII?

Marcela Risso em sua tese sobre as memórias de Leonor López, defendida em 2010³⁶, afirma que a relação entre Leonor e a figura de Jó é um recurso retórico, que transforma os seus em mártires inocentes. Lembremo-nos que boa parte dos encarcerados é formada por crianças, dentre as quais a própria Leonor, que recorre à Virgem, seu único e eficaz socorro. Risso aproxima o texto, portanto, de outro

³⁴ BELLO, Juan Félix Bellido. *La primera autoiografía femenina em Castellano. Las memorias de Leonor López de Córdoba*, defendida em Sevilla (Universidad de Sevilla. Facultad de Filología), 2006, p. 270.

³⁵ *Idem*, p. 208.

³⁶ *Internet*, <http://dc.lib.unc.edu/cdm/ref/collection/etd/id/2909>.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

gênero, a hagiografia.³⁷ Nesse caso, aqueles que ameaçam inocentes são a encarnação do mal, ninguém menos que Henrique Trastâmara³⁸, avô de Henrique III e Fernando de Antequara, rei de Aragão e “herói” da 1ª parte da *Crónica de D. Juan II*. Nesse contexto, D. Catarina é uma mulher mal aconselhada, que deve ser reconduzida a seu lugar. A rainha morre antes de Leonor López, em 1418, o rei tem 13 anos. Assim, o reinado de Juan II também precisa ser mais explorado no sentido das relações com a linhagem sobrevivente de Martim López.

O esquecimento ameaça Leonor e ela luta contra ele com discurso. Daí, termos convocado Paul Ricoeur e Martin Heidegger para fundamentar a aproximação com o documento. Para o primeiro, o esquecimento se relaciona com a morte, não por acaso as memórias são obcecadas por ela. As memórias são expressão, que se efetiva no movimento em direção à rainha Catarina, memória literalmente de seus vínculos petrificados. São ditadas, nem por isso menos autorais; são pronunciadas como a afirmação de uma mulher que recusa o esquecimento em um contexto francamente adverso.

Há também muito a pesquisar a respeito da transmissão do texto, que se conhece em 5 cópias³⁹ e das circunstâncias de seu reaparecimento. Há que analisar as representações que a poesia do *Cancioneiro de Baena* dão de sua atuação junto à rainha e as relações de Leonor com o convento de San Pablo de Córdoba, para onde definiu seu descanso final. Enfim, esse documento é um extraordinário exemplo de afirmação da memória de uma mulher que viveu no reino de Castela entre o final do século XIV e início do XV. Colabora para a nossa compreensão a respeito das maneiras de se lutar pela vida nesse contexto, para a avaliação do papel do discurso e para o não esquecimento da atuação das mulheres na sociedade ibérica medieval.

Bibliografia

- AYALA, Pero Lopez. *Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su hermano hijos del rey D. Alfonso oncenno*. SECRET/INCIPIT: Buenos Aires, 1994/1997 (volume 2).
BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Editora Globo. *Internet*,
<http://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/02/borges-ficc3a7c3b5es.pdf>.
CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Biblioteca Folha.

³⁷ *Idem*, p. 9.

³⁸ *Idem*, p. 10.

³⁹ *Internet*, <http://www.ub.edu/duoda/bvid/obras/Duoda.text.2011.02.0001.seccion5.html#note-link45>.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21 (2015/2)*
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

- CARVAJAL, Lorenzo Galindez de. Prefacion en la *Crónica del rey Don Juan el Segundo* in *Crónica del rey Don Juan el Segundo* in *Biblioteca de autores españoles desde la formación Del lenguaje hasta nuestros días. Crónicas de los reyes de Castilla desde Don Alfonso el Sabio, hasta los católicos Don Fernando y Doña Isabel*. Colección ordenada por Don Cayetano Rosell. Tomo II. Madrid, 1953.
- CÓRDOBA, Leonor López APUD BELLO, Juan Félix Bellido. *La primera autoiografía femenina em Castellano. Las memorias de Leonor López de Córdoba*, tese de doutorado defendida na Universidad de Sevilla. Facultad de Filología, 2006.
- HEIDEGGER, Martim. *Ser e tempo*. Parte 1 (trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis (RJ): Vozes; Universidade São Francisco, 2005. *Internet*, http://www.olimon.org/uan/heidegger-ser_e_tempo_i.pdf.
- IZQUIERDO, Iván, BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. “A arte de esquecer”. In: *Estudos Avançados*, vol. 20, número 58. *Internet*, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300024.
- JIMÉNEZ, Manuel González. *Carmona medieval*. Sevilha: Fundación José Manuel Lara, 2006.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro*. Porto: Livraria Civilização, s/d.
- MARTÍN, Luis Vicente Díaz. *Pedro I el Cruel (1350-1369)*. Gijón: Ed. Trea, 2007.
- MOLINA MOLINA, Angel Luis. Don Martin López de Córdoba, maestre de las Ordenes de Alcántara y Calatrava y Adelantado Mayor del reino de Murcia.
- RÁBADE OBRADÓ, María del Pilar, « Leonor López de Córdoba y Beatriz de Bobadilla: dos consejeras para dos reinas », *e-Spania* [Online], 12 | décembre 2011 *Internet*, <http://e-spania.revues.org/20705>.
- RAMÍREZ, Pedro Piñero. “Los romances del rey Don Pedro”. In: JIMÉNEZ, Manuel González, FERNÁNDEZ Manuel García (ed.). *Pedro I y Sevilla*. Sevilha: Ayuntamiento de Sevilla. Instituto de la Cultura y las Artes de Sevilla (ICAS), 2006.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.